

REZAS E COMENSALIDADES EM UM PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA DÁDIVA

PRAYERS AND COMMENSALITIES IN A PROCESS OF RESIGNIFICATION OF THE GIFT

Recebido em: 29/01/2024

Reenviado em: 12/10/2024

Aceito em: 29/10/2024

Publicado em: 03/11/2024

Antonio Renaldo Gomes Pereira¹ 

César Augusto Viana de Lima² 

Resumo: Personagem comum em todo território brasileiro, a rezadeira é descrita de diferentes formas, sendo geralmente atrelada à imagem de uma mulher idosa, capaz de debelar o mal dos “clientes” enfermos que a procuram. Neste universo, por falar em nome de uma religião, a rezadeira pode não ser entendida caso sua religião não seja considerada. Através de seu ofício, enquanto cientista popular e integrante de uma comunidade, cria uma rede de solidariedade na qual figuram ela própria e sua clientela, principalmente. Objetivamos com este trabalho tecer algumas reflexões sobre comensalidade no ofício das rezadeiras. Por mais que a rezadeira se identifique com uma religião específica, a prática do seu ofício, por vezes, confunde-se com outros saberes advindos de religiões distintas ou mesmo de outras práticas populares. Trata-se de um estudo de cunho exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. O cenário do estudo se dá no município de Cuité-PB. A análise do discurso se deu por meio dos estudos teórico-conceituais de Fiorin (2008). Neste âmbito, refletir sobre a comensalidade nas relações de dádiva que se tecem em torno das rezadeiras pode nos ajudar a compreender outras percepções de mundo, na medida em que esses atores são desafiados a encontrar alternativas e soluções para a cura de enfermidades enquanto novos sentidos e significações são produzidos no bojo dessas relações.

Palavras-chave: Rezadeira; Comensalidade; Dádiva.

Abstract: A common character throughout Brazil, the prayer woman is described in different ways, generally linked to the image of an elderly woman, capable of relieving the illness of the sick “clients” who seek her out. In this universe, speaking in the name of a religion, the prayer may not be understood if her religion is not considered. Through her work, as a popular scientist and member of a community, she creates a network of solidarity in which she and her clientele mainly figure. With this work, we aim to provide some reflections on commensality in the profession of prayer women. Even though the prayer woman identifies with a specific religion, the practice of her craft is sometimes confused with other knowledge coming from different religions or even other popular practices. This is an exploratory and descriptive study, with a qualitative approach. The study setting takes place in the municipality of Cuité-PB. The discourse analysis was carried out through the theoretical-conceptual studies of Fiorin (2008). In this context, reflecting on commensality in the gift relationships that are woven around prayer women can help us understand other perceptions of the world, as these actors are challenged to find alternatives and solutions for curing illnesses as new meanings and Meanings are produced within these relationships.

Keyword: Prayer; Commensality; Gift.

¹ Doutorando em Antropologia no PPGA/UFPB. Mestre em Antropologia. Especialista em Ensino Religioso. Licenciado e bacharel em Ciências Sociais. E-mail: renaldogomes@live.com

² Mestre em Antropologia no PPGA/UFPB. Especialista em Nutrição Clínica Funcional e Fitoterápica. Graduado em Nutrição. E-mail: cavianax1@gmail.com

INTRODUÇÃO

No contexto social urbano do século XXI, identificamos personagens que resistem ao tempo e têm reconhecidos, principalmente entre os populares, suas práticas e formas de lidar com os males de ordem física e espiritual que molestem as pessoas. Estão entre os indivíduos capazes de identificar e/ou reprimir os males que se manifestam em forma de doença, os xamãs e as rezadeiras. No cenário contemporâneo, onde as transformações tecnológicas e científicas têm ganhado terreno, esses personagens estão cada dia mais escassos. Contudo, a tradição de buscar uma rezadeira/benzedeira para benzer “vento caído”, “quebranto”, “mau-olhado”, “dente triado”, “espinhela caída” sobrevive ao tempo.

Neste cenário, a comensalidade desempenha um papel importante no cotidiano desses personagens. O termo comensalidade deriva do latim *mensa* que possui o significado de conviver à mesa e, se caracteriza pela partilha de alimentos (MOREIRA, 2010). Para Fischler, a comensalidade é um dos aspectos mais relevantes no que tange as sociabilidades humanas, se relacionando não apenas ao ato de ingerir alimentos, mas como também aos modos de comer, ligando-se aos “hábitos culturais, atos simbólicos, organização social, além do compartilhamento de experiências e valores” (*apud* LIMA; NETO; FARIAS, 2015, p. 514-515).

Os dados empíricos apresentados no decorrer deste trabalho foram obtidos no município de Cuité, interior da Paraíba, no período de 2017 e 2018, para compor a monografia intitulada *O ofício das rezadeiras: convergências e divergências entre o fazer nutricionista*, apresentada no curso de Nutrição da Universidade Federal de Campina Grande. Dialogamos, neste trabalho, com Contreras (2015), Del Priore (2004), Dos Santos (2018), Garcia (2015), Lévi-Strauss (1996; 2004), Miranda (2017), Oliveira (1985) e Silva (2010), entre outros, para apresentar o cenário e as práticas que se constroem em torno da figura de uma rezadeira.

Neste trabalho, propomos uma reflexão em torno do processo de ressignificação da dádiva que se dá no ofício de rezadeiras. Para tanto, tratamos de apresentar algumas situações em que as práticas de cura têm suas gratificações ressignificadas e o recebimento de alimentos como forma de retribuição torna-se frequente e ganha o sentido de “mais adequado”. As relações de dádiva que se tecem em torno das rezadeiras, envolvendo o processo de cura e alimentos, ora recebidos ora consumidos, pode nos ajudar a compreender outras percepções de mundo, na medida em que esses atores são desafiados a encontrar alternativas e soluções para a cura de enfermidades e, deste modo,

novos sentidos e significações são produzidos no bojo dessas relações. A análise dos dados se deu por meio do uso dos estudos teórico-conceituais de Fiorin (2008).

Para a construção deste trabalho contamos com colaboração de nove interlocutores que desenvolvem o ofício de rezador no município de Cuité, dentre eles, um do gênero masculino e oito do gênero feminino. Segundo informações obtidas durante as interlocuções, que consistiram em conversas guiadas por um roteiro de entrevista semiestruturada, o tempo de atuação como rezadores varia entre dez e sessenta e cinco anos e as formas de aprendizado são as mais diversas. Trataremos dessas mais adiante.

O artigo se divide em quatro seções. Inicialmente, apresentamos a figura da rezadeira como indivíduo que se constrói entre os populares como pessoa capaz de identificar os males que podem afligir os seres vivos. Conhecedora dos processos de adoecimento e de cura, a rezadeira usa ervas, banhos e rezas para suprimir os males. Na seção seguinte, o cenário católico é apontado como propício para o desenvolvimento das habilidades e técnicas adotadas pela rezadeira que, além do uso de ervas e outros saberes, se ampara nas rezas e súplicas do catolicismo popular para subjugar e/ou extinguir os males. Na terceira seção, apresentamos ideias advindas de rezadeiras que indicam novas possibilidades para os tipos de agrados recebidos em razão do trabalho prestado. Na quarta seção, tratamos de algumas ideias e significações em torno da ideia de comensalidade. Por fim, buscamos refletir a comensalidade no ofício das rezadeiras e outras percepções de mundo num processo de ressignificação da dádiva.

AS REZADEIRAS

No Brasil, as artes curativas com uso de rezas e ervas têm início no Período Colonial: “os elementos oriundos da fauna e da flora, que já eram utilizados pelas populações indígenas em suas práticas de cura, passaram a ser incorporados, primeiramente, pelos Jesuítas e, posteriormente, pelos agentes da medicina oficial” (MIRANDA, 2017, p. 280). Com a chegada dos africanos e suas práticas de cura, “o receituário da Colônia se tornou ainda mais complexo e híbrido” e a junção desses conhecimentos passou “a ser empregado pelos médicos, cirurgiões, barbeiros, curandeiros e benzedores” (MIRANDA, 2017, p. 288).

Segundo Mary Del Priore (2004, p. 92), curandeiras e benzedoras que utilizavam em seu ofício as “orações, benzimentos, rezas e palavras santas” oriundas do catolicismo passaram a ser

perseguidas pelos inquisidores do Santo Ofício que alegavam que suas curas tinham inspiração diabólica.

No século XVIII, com “o crescimento da religiosidade popular”, que abarcava “traços católicos, africanos, indígenas e judaicos, favoreceu, ainda mais, o aumento do número de curandeiros, rezadores e benzedores que, com palavras mágicas e santas, procuravam curar os doentes e afastar os maus-olhados” (MIRANDA, 2017, p. 295).

De certa forma, os serviços ofertados pelas curandeiras e benzedoras eram como um “consolo para as classes desfavorecidas”, sendo, então, percebidas como “fontes milagrosas ou ‘operações mágicas’ que revelavam uma outra racionalidade, repousada na crença de que certas pessoas, ou coisas, detinham poderes sobrenaturais em relação aos usos do corpo” (DEL PRIORE, 2004, p. 91).

Na conjuntura hodierna, esse personagem que figura a cena mágico-religiosa brasileira é denominado rezadeira ou benzedora e está presente nos confins de todas as regiões do Brasil. A rezadeira, termo que adotamos para nomear a pessoa que desempenha esse ofício, pode ser descrita de formas variadas, sendo geralmente relacionada à imagem de uma mulher idosa, capaz de debelar o mal de seus “clientes” enfermos por meio de uma reza ou benzimento (CASCUDO, 2004).

Recitar preces, rezas e orações acompanhadas por gestos corporais que inclui movimentar um raminho de folhas percorrendo o corpo enfermo dos sujeitos que a procuram, são ritos que compõem parte significativa do ritual de cura oferecido pela rezadeira. Em sua identidade social reside a função de portadora de conhecimentos que podem ser utilizados para cura de males físicos e espirituais. O poder a ela incumbido é legitimado pelas pessoas que buscam seus serviços, assim como pela comunidade que a reconhece como tal.

Durante o benzimento, a rezadeira aciona saberes advindos de crenças distintas que irão compor o ritual específico para reprimir o mal-estar em questão. A assinatura do catolicismo popular se evidencia ao recorrer ao uso de rezas e súplicas em favor da cura (DOS SANTOS, 2018). Por estar vinculada a uma religião ou forma de religiosidade específica, a rezadeira enquanto cientista popular e religiosa é melhor entendida ao considerar todas as nuances de sua religiosidade (OLIVEIRA, 1985). Nesta perspectiva, sua religião desempenha papel preponderante nas formas com as quais aplica sua ciência de cura. Por tratar-se de uma ciência composta de conhecimentos empíricos, ela apresenta, por vezes, detalhes diferenciados na mesma técnica de cura ou benzeção realizado por rezadeiras que, porventura, possuam religiões e/ou influências distintas.

Conforme Oliveira (1985), uma rezadeira católica pode possuir modos distintos de uma rezadeira umbandista no processo ritual de cura de pessoas e/ou animais, podendo em alguns momentos usar recursos e elementos próprios de suas religiões. Portanto, diferentes elementos e recursos podem ser utilizados no ofício, variando desde o emprego de orações associadas a gestos específicos ao uso de ervas, frutos, flores, sementes, raízes, velas, objetos e outros instrumentos.

A IDENTIFICAÇÃO RELIGIOSA

A identificação com o catolicismo pode ser percebida pela composição do cenário que apresenta elementos que remetem à religião católica, exposto nas residências das rezadeiras. Em suas paredes e altares, é comum observar imagens de santos canonizados pela Igreja, santos do povo, beatos e outras entidades que suscitam a fé. Recordamos, aqui, uma das visitas que realizamos no município de Ibiapina, interior do Ceará, no ano de 2016, na qual pudemos verificar a imagem do orixá Iemanjá figurando entre os demais santos católicos e populares.

O “altar de santo” é um dos elementos que compõem a cena ritual na qual as rezadeiras, comumente, realizam suas atividades de cura e benzeção. Ele pode ser entendido como elemento de inspiração para a mescla de ingredientes que irão compor a reza ou processo de cura a ser aplicado no enfermo. Nele estão representados a maioria das entidades evocadas na atividade ritual.

As práticas de cura (re)elaboradas e empreendidas por rezadeiras, assim como tantas outras advindas do povo, reproduzem-se na oralidade. Entre os interlocutores que contribuíram para a construção deste trabalho, surge uma porção de nomes de parentes, amigos e conhecidos, além de entidades que são apontadas como portadoras e transmissoras do conhecimento de cura e que foram responsáveis por suas iniciações, sendo eles os agentes geradores e disseminadores dos primeiros métodos e técnicas de cura assimilados.

Conforme Garcia (2015), a prática do ofício da rezadeira é uma herança de família, ou seja, os saberes que sustentam a prática do ofício da rezadeira são passados de geração a geração. Há ocasiões em que esses saberes e conhecimentos são transmitidos por alguém próximo, não necessariamente alguém que compartilha laços sanguíneos. “A curandeira era comade Delfina, morreu já. Comade Delfina me ensinou tudo. Aprendi pensando, aprendi escutando, porque quem não sabe lê, escuta, né!?” , diz uma interlocutora sobre o processo iniciático ao qual se submeteu.

É comum que seu aprendizado inicial esteja vinculado a familiares e/ou pessoas próximas do núcleo familiar, tais como: pai, mãe, avós ou mesmo compadres e comadres, possibilitando a

continuidade dessa prática em âmbito local. Uma de nossas interlocutoras informa que *“não fui ensinada a rezar por ninguém, meu pai era rezador, meu avô era rezador, mas quem me ensinou a rezar, ouvi e aprendi, foi uma senhora em Itabaiana, tinha doze anos”*. O processo de iniciação costuma ser bem cedo, como indica a fala a seguir: *“assim... Eu escutei, eu era mocinha nova e eu escutei uma senhora rezando, aí fui aprendendo, fui pedindo força a Deus e só foi alimentando mais a fé no povo”*. Percebemos, na fala da interlocutora, que o processo de construção da imagem da rezadeira contribui para sua formação e identificação como tal. A fé é empregada como elemento crucial no processo de cura, tornando possível sua efetivação e reconhecimento pela comunidade que legitima a ação e outorga à rezadeira o *status* necessário para validar suas rezas.

Há casos em que a necessidade de socorrer um familiar faz despertar o dom da reza, surgindo, assim, a rezadeira que assume a missão e toma para si a obrigação de jamais negligenciá-la. *“Deus me ensinou, eu benzer. Foi Deus, me deu o dom, né?”*, diz uma interlocutora. Na literatura antropológica, conforme Mello (2013), o dom pode ser entendido como a capacidade que a rezadeira tem de efetuar sua ritualística de cura, que se constitui de e em uma experiência própria e singular de cada rezadeira no seu fazer. Os estudos de Garcia (2015) corroboram com a ideia, ao apresentar algumas afirmações por parte de rezadeiras que asseguram ter recebido o “dom” de realizar sua prática por meio de entidades divinas, tais como: anjos e outras deidades, que compõem o imaginário religioso das mesmas. O termo dom, mencionado acima, faz referência a um fenômeno religioso e, como indica Martins (2005), obedece a uma regra de tradução cultural.

A teoria da dádiva, elaborada por Mauss (2003), tem sentido mais amplo e se constitui no que se convencionou a chamar de “tríplice obrigação coletiva de doação” que consiste em “dar, receber e retribuir”. Esta teoria sistematiza doação, recebimento e devolução, circuito no qual inclui-se bens simbólicos e materiais.

A ressonância e a emergência dessas ideias atravessam a modernidade sob novas roupagens, ganhando inteligibilidade no seio de uma sociedade movida - não somente, mas inclusive - por estímulos de interesse, racionalidades e utilidade. E, não obstante a persistência de vínculos propícios a partir desses traços [...], a dádiva se mantém de modo a caracterizar-se por tudo aquilo que ‘circula na sociedade, em prol e nome do laço social’ (GODBOUT, 1998, p. 5).

Nesse sentido, é interessante atentar que as formas de troca de bens e consumo, tão valorizadas no mundo globalizado e neoliberal, e entendidas nas sociedades capitalistas, divergem da concepção

apresentada pelas rezadeiras que entrevistamos, fato que também chama a atenção uma vez que as mesmas se situam em meio a este mesmo contexto que privilegia o lucro e a venda de serviços. Assim, as rezadeiras também fazem resistência frente ao sistema capitalista de consumo e outras formas de cura. O “agrado” expressa-se de forma simbólica, no sentido de não necessitar necessariamente de uma obrigatoriedade explícita de um pagamento, pois o que importa neste contexto não é o lucro ou o dinheiro, mas, sim, restabelecer a saúde da pessoa enferma.

AS REZAS E O AGRADO

O termo agrado é empregado com frequência no meio rural para indicar algum tipo de gratificação ou forma de pagamento. De acordo com nossos interlocutores, a gratificação em forma de dinheiro tem sido colocada de lado, enquanto que outras formas de retribuição pelo serviço prestado entram em cena. O pedido ou aceite do pagamento varia de acordo com cada um, contudo, para que haja a retribuição não é necessária uma cobrança prévia, basta a realização da atividade de cura para que suscite o desejo de recompensar. *“O povo dava o que queria dar”*. *“Peguei muitos anos, aí eu deixei”*. Receber ou não um agrado, em razão da atividade de cura, não define a realização do mesmo. De acordo com uma interlocutora, se *“chega uma pessoa precisando, eu rezo”*. *“Eu não rezo por nada, só quero que o povo fique bom”*. Há, ainda, os casos em que há a recusa de remuneração por parte da rezadeira. Uma de nossas interlocutoras comunica que *“não recebo”*, ao passo que outra comunica que *“graças a Deus, não exijo nada de ninguém, graças a Deus, não, não exijo”*. *“Às vezes o povo dá [um agrado], mas dinheiro não”*. *“Traz uma ofertinha ou então quando oferece dinheiro quero não, mas recebo se eles traz, eu recebo, né?”*, afirma.

Nas falas, as rezadeiras foram bastante enfáticas ao afirmar a recusa por qualquer forma de remuneração pelos serviços de cura, apesar de alguns de seus clientes, em certos momentos, expressarem o desejo de retribuição. Percebemos, aqui, uma outra percepção de mundo num processo de ressignificação da dádiva, nos termos de Mauss (2003), onde o que importa não é o recebimento de qualquer tipo de pagamento, principalmente em forma de dinheiro, mas, ao contrário, doar seus serviços, ao mesmo tempo que preserva uma rede de relações de trocas mútuas entre os sujeitos em cena. A recusa pelo pagamento em dinheiro reside na ideia de *“que a palavra do Senhor não se vende”* e se fortalece na crença de que *“Deus não deixou ninguém pra rezar por dinheiro”*. Além disso, *“eu não sei trabalhar com essas coisas de negócio de dizer assim: quero dinheiro. Essas coisas. Quero isso, pra fazer isso aquilo outro”*, esclarece.

Verificamos um processo que se constitui na ressignificação de formas de retribuição pelos serviços prestados pelas rezadeiras, que são entendidas dentro deste contexto como ofertas ou oferendas. Tal ideia de recompensa é parte das expressões da fé dos fiéis que tem sua graça concedida pela intermediação da rezadeira que suplica às deidades pela saúde do “cliente enfermo”. Entre as ofertas ou oferendas incluem-se, frequentemente, os alimentos. *“Pelo trabalho, recebo dinheiro não, eu não vendo a palavra de Deus, mas se a pessoa interessar a me dar um quilo de feijão, um alimento, um negócio de alimento e hoje em dia um pão, uma coisa... Tudo eu recebo! Agora, dinheiro não quero de forma nenhuma”*, conta-nos uma interlocutora.

De acordo com Silva (2010), a ânsia de retribuição está vinculada ao desejo de quitar uma dívida que se estabelece na realização do trabalho de cura empreendido pela rezadeira.

Formula-se uma diferença fundamental entre a dádiva e o sistema mercantil, a primeira situa-se no plano da permanência da dívida, já o segundo é caracterizado pela transação pontual onde a troca impele à simetria e funda-se na liquidação imediata da dívida. Por outro lado, tudo o que circula sob a égide da dádiva permite aos atores sociais valerem-se de uma margem que promove a articulação entre a liberdade e a obrigação de dar, receber e retribuir, abrindo espaço à diversidade e à liberdade na escolha de desfazer ou construir alianças conforme as motivações e os desejos particulares dos participantes (SILVA, 2010, p. 366).

Neste contexto, a rezadeira é peça motriz nesse processo de ressignificação da dádiva e reelaboração de novos sentidos, tendo os alimentos ofertados como um dos elementos constituintes da atividade de cura. A oferta de alimentos é capaz de suscitar o sentimento de pertença a um grupo ou comunidade específica, como ocorre no caso das rezadeiras que contribuíram para a construção deste trabalho. A produção de novos sentidos e o delineamento das relações entre os atores envolvidos se evidencia ao passo que valores internos da comunidade são reafirmados.

A doação de alimentos torna-se, então, uma forma de retribuição aceita pela rezadeira que opta por alimentos não perecíveis de uso cotidiano. Assim, os clientes trazem *“feijão, bolacha, açúcar, tudo traz”* diz uma interlocutora ao ser indagada sobre as possibilidades de compensação por parte de seus clientes em razão do serviço prestado por ela. Contudo, quando a ideia de pagamento pelas rezas entra em pauta, ela nos diz que *“reza pra Deus não tem preço”*.

A cura pelo benzimento gera desejo de retribuição por parte dos clientes que expressam sua fé através da oferta de alimentos em sinal de comunhão com a rezadeira, a deidade e a comunidade. Ao recordar questões que envolvem as relações empreendidas entre rezadeira e seus clientes em razão do processo de cura e das retribuições concernentes, uma interlocutora nos conta que

“Já curei gente que chegou com nota de ‘cem real’, botou na minha mão, eu digo: não quero dinheiro de forma nenhuma. ‘E o quê que vai querer? Que eu fiquei muito agradecido’, [diz o cliente]. Eu digo: quer agradecer, eu vou lhe dizer. Você me dá aí uma farinhazinha. Nesse tempo a gente comprava uma farinha aqui, quando deu fé, o homem chegou com um saco de farinha”.

Além das rezas realizadas em seres humanos ou em favor dos mesmos, é bastante comum, sobretudo em áreas rurais, as rezas em animais para curar doenças ou machucados. “*Eu rezo bruto, animal, tudo eu rezo*”, afirma. Rezas para evitar entrada de animais peçonhentos em pastos ou mesmo para evitar a passagem dos animais de criação para fora dos limites da propriedade de seus donos ocorrem com frequência.

A rezadeira utiliza seu conhecimento da medicina popular para produção e cocção de chás e infusões com produtos e ervas ofertados pelos clientes. Essas técnicas são incorporadas e empregadas no ciclo das relações que se estabelecem entre a rezadeira e sua “clientela”. “*O povo traz pra eu arrumar e eu vou fazendo aquele chá e vou bebendo, enche uma garrafa*”, confessa.

ALGUMAS SIGNIFICAÇÕES EM TORNO DA COMENSALIDADE

A comida e as formas de se relacionar com os alimentos carregam uma dimensão simbólica fortemente ligada ao contexto social vivenciado. Isto é, constitui-se “como resultado e representação de processos culturais que preveem a domesticação, transformação e reinterpretção da natureza” (MONTANARI, 2008 *apud* FALTIN; GIMENES-MINASSE, 2019). Tal sistema propõe pensar o consumo, as trocas a nível de interação social e a lógica do processo econômico (HERNÁNDEZ, 2005).

As formas com que as pessoas se relacionam com os alimentos estão, frequentemente, condicionadas por um conjunto de indicações e tabus alimentares prescritos por crenças religiosas. Nesse contexto, conforme Contreras e Gracia (2011), a alimentação se apresenta como código e linguagem nas relações humanas cotidianas.

A comuta que se dá no seio da comunidade protagonizada pela rezadeira e seus clientes ultrapassa a noção de uma simples prestação de serviços e ganha contornos distintos na produção de sentidos, ao passo que a relação é ressignificada entre os envolvidos e a retribuição por parte da “clientela” se constitui na doação de alimentos em troca dos serviços prestados pela rezadeira. Na análise de Gomes (2007), o serviço prestado pela rezadeira adquire uma dimensão de solidariedade e

comprometimento com as pessoas que a procuram. Enquanto o interesse econômico sai de cena, firma-se um vínculo entre os atores envolvidos.

Em nenhum momento foi constatado qualquer tipo de cobrança pelos serviços prestados pela rezadeira, uma vez que, segundo elas próprias, seu ofício não pode ser cobrado e sua gratuidade é entendida como um sinal de sua devoção. A rezadeira se coloca como mediadora entre a pessoa enferma e Deus, pois, de acordo com elas, a cura vem dele. Segundo Beltrão Júnior (2013), quando um membro da comunidade adocece todos os demais adoecem junto, há uma espécie de comoção que mobiliza todo o grupo, incluindo a rezadeira, figura fundamental que guarda os saberes transmitidos sobre as curas e as doenças, numa rede mútua de solidariedade.

A oferta de alimentos e a ideia de comunhão amplamente difundida no catolicismo popular, entre seus fiéis, estende-se, na mesma proporção, às rezadeiras de devoção católica. Ela toma seu ofício como uma missão que por nenhum motivo deve ser negligenciada. Os alimentos ofertados em retribuição pelo serviço da rezadeira são mostras da expressão de fé das pessoas que a procuram para aliviar as dores físicas e/ou espirituais. A comida oferecida toma uma dimensão que está para além do consumo, tornando-se elemento agregador, um sinal de fé e união entre os envolvidos, ao passo que a própria rezadeira é reafirmada enquanto agente portador de conhecimentos importantes para sua comunidade.

O termo comensalidade está relacionado à dimensão agregadora da comida, que tem entre suas propriedades a capacidade de estabelecer relações de sociabilidades, posto que os alimentos ofertados entre os membros de um grupo podem reforçar os laços de união e coesão do mesmo. Desta forma, em torno da rezadeira, um apanhado de ações, aparentemente isoladas, tornam-se um conjunto complexo e bem articulado de saberes e ações, onde se situam as relações com sua “clientela”, numa rede mútua de solidariedade.

O alimento como elemento capaz de constituir ou gerar vínculos entre pessoas e deidades se apresenta na cena ritual protagonizada pela rezadeira, que encontra utilidades das mais diversas nos alimentos durante o benzimento. Verificamos, no decorrer da pesquisa, que o ato de colocar o alho na boca, objetiva gerar um campo de proteção em torno do enfermo, ao passo que a capacidade de banimento gerada pelo alimento supracitado entra em ação retirando o mau-olhado no ritual de benzimento, afirma uma interlocutora. Neste contexto, o alimento assume, dentro do ideário religioso da rezadeira, caráter protetivo. O mau-olhado pode estar associado a algum pensamento negativo e é

capaz de afetar negativamente tanto o corpo físico, quanto o próprio espírito da pessoa, levando o indivíduo ao adoecimento.

A comensalidade é uma das características mais significantes no que se refere a sociabilidade humana, relacionando-se não apenas a ingestão de alimentos, mas também aos modos do comer, envolvendo hábitos culturais, atos simbólicos, organização social, além do compartilhamento de experiências e valores (FISCHLER *apud* LIMA; NETO; FARIAS, 2015).

Para além do aspecto biológico e nutricional, a alimentação se reveste de significados, como indica Contreras (2005), e ganha novos contornos ao tornar-se parte da construção da identidade da rezadeira, entendida como guardiã de conhecimentos e saberes ancestrais. A eficácia do tratamento mágico-religioso realizado pela rezadeira acontece quando se dá a eliminação dos sintomas dos sujeitos enfermos que a procuram, ao passo que ela é reafirmada dentro do seio da própria comunidade como agente detentora de saberes imprescindíveis para a manutenção da saúde e da vida (GARCIA, 2015).

Pensando a partir das ideias desenvolvidas por Lévi-Strauss (1996) acerca da eficácia simbólica, assinalamos que, no ideário que constitui a cosmovisão da rezadeira, a eficácia de seu tratamento aconteceria sob três elementos, sendo o primeiro a crença da própria rezadeira na eficácia de seu tratamento; o segundo, a do sujeito enfermo tratado por ela; e por fim, a confiança e as opiniões da coletividade onde essas relações se desenvolvem.

Como os feiticeiros das sociedades tribais, as benzedoras acreditam fortemente na eficácia do seu trabalho. Mas essa condição, por si só, ainda não valida o seu ofício. A benzeção é a síntese de um trabalho que permite que se associem aos ritos, as doenças, os males, incertezas, as ansiedades. Repetidos um sem-número de vezes, os ritos vão sendo recriados, acrescidos de estratégias de cura com sal, o vinagre, o alho, o óleo, a água e as plantas medicinais. Nesse processo vão sendo resgatadas explicações que se passam no cotidiano da vida social das pessoas e vão ganhando um grande vigor (OLIVEIRA, 1985, p. 88).

Nessa mesma perspectiva, Garcia (2015) alega que, em algumas situações, ao realizar o benzimento nos “clientes” enfermos, as rezadeiras utilizam ramos de ervas, indicam chás e banhos específicos a serem seguidos por eles, como parte essencial do tratamento.

Lévi-Strauss (2004), em *O cru e o cozido*, propõe pensar no processo de culturalização dos alimentos através de um triângulo culinário - o cru, o cozido e o podre - onde o alimento em seu estado natural passaria por processos de preparação e transformação pela cocção do fogo, ao passo,

que vão ganhando novos sentidos e significados dentro de seus próprios contextos. O processo de cocção de alimentos pelo fogo serviria para auxiliar na extração total dos nutrientes necessários para restabelecimento do corpo. Seguindo a mesma lógica, Contreras (2011) acrescenta que todo sistema de crenças mais ou menos articulado possui algum tipo de prescrição alimentar que regem a alimentação de alguma forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo das rezadeiras, a medicina popular deixa de ser um apanhado fragmentado de conhecimentos isolados e se torna, nesta mesma esfera, um conjunto bem articulado de saberes nos quais se fundamenta sua ciência e no entorno da qual se constroem relações das mais diversas, figurando ao centro a rezadeira e sua “clientela”, com a indicação de chás, lambedores, frutas e alimentos variados que contribuirão para o restabelecimento da saúde da pessoa enferma (LIMA, 2018).

Os tratamentos realizados pelas rezadeiras, especialmente as que contribuíram para a construção deste trabalho, apresentam como principal espaço de realização do seu ofício, o ambiente doméstico, seu próprio lar, onde são preparados os chás, lambedores e infusões destinadas aos enfermos. De certa forma, esses saberes competem com outras formas de tratamentos oficiais, contudo, não fazem resistência frente a eles. A cura realizada pelo ofício da rezadeira, também é capaz de fortalecer os laços e as relações entre as pessoas da comunidade, que seguem suas recomendações e prescrições. Brillat-Savarin (2009) chama a atenção para uma cozinha de reparação, forjada no seio do lar com a intenção de restabelecer a saúde dos familiares e pessoas mais próximas.

Para Fischler e Masson (2010), a comensalidade deve ser compreendida a partir da cadeia de produção do alimento, que passa por processos de ressignificação e ganham novos sentidos dentro do sistema alimentar, até que seja consumido pelo comensal. Nesse estudo, a alimentação ganha outros contornos no contexto mágico-religioso das rezadeiras, sendo expressão de fé dos “clientes” que a procuram e sinal de comunhão com a deidade que cura e com sua própria comunidade. Os chás e infusões indicados pela rezadeira e o cuidado com as pessoas enfermas da comunidade reforçam a união entre esses atores, formando uma rede de solidariedade mútua.

Constatamos que as relações que se estabelecem entre as rezadeiras e os usuários de seus serviços possibilitam a construção de novas percepções de mundo em um processo de ressignificação

da dádiva que se materializa na adoção de uma nova economia nos processos de cura protagonizados pela rezadeira.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO JÚNIOR, Hudson. Roberto; NEVES, Soriany Simas. As Práticas de Benzimento em Parintins: Uma Abordagem Folkcomunicacional. Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - Manaus**. 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0062-1.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. **A fisiologia do gosto**. 2 ed. São Paulo. Companhia Das Letras, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

CONTRERAS, Jesus. **Alimentación y cultura**. Perspectivas antropológicas. Editorial Ariel. Barcelona. 2015.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.) Carla Bassanezi (coord. de textos) –ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

DOS SANTOS, Francimário Vitor. **O ofício das benzedadeiras: um estudo sobre práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta – RN**. Porto Alegre: Cirkula. 2018.

FALTIN, Andrea Ortolani; GIMENES-MINASSE, Maria Henriqueta. Comensalidade, hospitalidade e convivialidade: Um ensaio teórico. **Rosa dos ventos**. n. 3, v. 11, p. 634-652. 2019. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/6340/pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14^o ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. **Comer: a alimentação de franceses, outros europeus e americanos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

GARCIA, Jeannette Queiroz. **As rezadeiras: cultura popular e tradição histórica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

GODBOUT, Jacques. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, p. 39-51, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/FxCGqNj5XsnrQb9MyfRhNWt/?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2023.

GOMES, Sandro Roberto de Santana. **Saúde e salvação**: o sagrado das rezadeiras em paulista. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Ciências da Religião. 2007

HERNÁNDEZ, Jesús, Contreras. Mudanças econômicas e socioculturais e o sistema alimentar Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. (Orgs). **Antropologia e nutrição**: um diálogo possível [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-08.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas I - O cru e o cozido**, Tradução. Beatriz Perrone Moisés, Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 2004.

LIMA, César Augusto Viana de. **O ofício das rezadeiras**: convergências e divergências entre o fazer nutricionista. Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2018.

LIMA, Romilda de Souza; NETO, José Ambrósio Ferreira; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. **Demetra**, v.10, n.3, p. 507-522, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/viewFile/16072/13748>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 73, p. 45-66, 2005. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/954> Acesso em: 27 nov. 2023.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELLO, Caian Alberto Andrade de. Percepção, intervenção e cura: sobre modos somáticos de atenção e a prática da benzedura. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 57-75, ene./jun. 2013. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MELLO_Caian_tit_Percepcao_intervencao_e_cura_benedura.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia**: limites e espaços da cura. – 3. ed. rev. ampl. E atual. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.

MOREIRA, Sueli Aparecida. **Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos**. *Cienc. Cult.* Vol. 62 nº4. São Paulo, out. 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400009. Acesso em: 18 de set. 2024.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.



SILVA, Tiago Lemões da. A dádiva e o laço social: o caráter relacional da caridade na doação alimentar à população em situação de rua. **Interseções** [Rio de Janeiro] v. 12 n. 2, p. 358-381, dez. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/viewFile/4596/3391>. Acesso em: 27 nov. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2009.